Nossa pequena impontualidade

O plano para tudo não previu o encontro deles



Laura Bellini

Nossa pequena impontualidade

O plano para tudo não previu o encontro deles

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905456

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições não previstas no cronograma.....10
Capítulo 2 - A hora que não estava no plano 20
Capítulo 3 - Quando o planejamento deixa de ser suficiente 32
Capítulo 4 - Depois do horário de funcionamento 43
Capítulo 5 - O direito ao próprio tempo..... 58
Capítulo 6 - Nem tudo precisa ser medido..... 68
Capítulo 7 - Tudo como antes, quase 81
Capítulo 8 - O lugar onde não sou a chefe..... 95
Capítulo 9 - O risco que não pode ser planejado 110
Capítulo 10 - Sem planos para amanhã 129
Capítulo 11 - Coisas que não se colocam na agenda 146
Capítulo 12 - A promessa que foi grande demais.....158
Capítulo 13 - O preço de uma oportunidade maior.....173
Capítulo 14 - Aquilo que não dizemos imediatamente 188
Capítulo 15 - Tudo aquilo que não combinamos 203
Capítulo 16 - A distância entre nós.....214
Capítulo 17 - Cada um por si..... 225
Capítulo 18 - O primeiro passo sem garantias..... 236
Capítulo 19 - Nem tudo pode ser consertado imediatamente 250
Capítulo 20 - Nossa pequena impontualidade 264

INTRO

Às sete e quarenta e três, eu já tinha tomado dois cafés, conversado com um motorista que havia confundido o portão de entrada e garantido três vezes que tudo estava acontecendo conforme o planejado. A última garantia tinha sido dada por telefone ao patrocinador do festival, enquanto eu estava no meio de um pátio em Gdańsk, onde o vento vindo do rio Motława virava as páginas do cronograma. Não precisei procurá-las. Eu sabia o que deveria acontecer a cada hora, onde o balcão de cerâmica precisava ser instalado e quando os técnicos deveriam acender as luzes da exposição. Meu planejamento era impecável, organizado em intervalos de cinco minutos e, até aquele momento, completamente imune à realidade.

— Claro que vamos conseguir — disse ao telefone. — Os convidados entrarão pontualmente, e a exposição estará pronta antes da abertura.

Desliguei antes que meu interlocutor tivesse tempo de perguntar se eu já havia visto o transporte com as obras. Não, ainda não. A entrega deveria ter chegado antes das sete, mas o motorista não atendia às ligações, e a pessoa responsável pelo descarregamento afirmava que faltava uma caixa na lista de transporte. Em circunstâncias normais, seria um problema a resolver. Naquela manhã, porém, cada problema parecia ter seu próprio relógio, e todos estavam com mais pressa do que eu.

Por alguns instantes, fiquei olhando para a tela do celular, como se uma mensagem pudesse aparecer e mudar a situação. Não apareceu nada. Guardei o aparelho no bolso e segui em direção ao galpão onde seria inaugurada a

exposição de artesanato. Precisava ver o espaço antes de começar a remanejar pessoas e objetos. Alterar a ordem do cronograma era simples apenas no papel. Na prática, significava dez ligações consecutivas, o orgulho ferido de alguém e a inevitável pergunta sobre por que eu tinha prometido novamente algo que não podia garantir.

Eu não gostava daquela pergunta. Não porque desconhecesse a resposta, mas porque a conhecia bem demais. Quando eu dizia "vou dar conta", as pessoas paravam de procurar outras soluções. Tomavam minhas palavras como um compromisso, e eu preferia carregar mais responsabilidades do que admitir que havia deixado alguma coisa escapar. Ao longo dos anos, construí uma reputação de pessoa capaz de salvar qualquer evento no último minuto. Nunca mencionava quantas vezes aquele último minuto começava por causa de uma estimativa equivocada minha.

O galpão ainda estava mergulhado na penumbra. Faixas de fita adesiva marcavam os corredores de circulação no chão, enquanto algumas caixas com identificações de diferentes oficinas estavam encostadas junto à parede. Uma delas estava aberta. Dentro, sobre uma camada de espuma cinza, repousava a estrutura de madeira de um relógio. Era uma peça belíssima, embora incompleta. Faltava o mostrador. Agachei-me para conferir a etiqueta, mas, antes que conseguisse ler o nome da oficina, ouvi uma voz tranquila atrás de mim.

— Se continuar olhando desse jeito, os ponteiros não vão aparecer sozinhos.

Virei-me. Um homem estava junto a uma mesa posicionada perto da janela. Tinha as mangas da camisa escura dobradas até os antebraços e pequenas ferramentas

espalhadas sobre a superfície, cujos nomes eu desconhecia. Não parecia alguém que tivesse vindo apenas deixar uma peça para a exposição. Trabalhava com uma concentração que, naquele ambiente, parecia quase uma demonstração deliberada. Como se o festival não estivesse acontecendo ao redor dele, como se ninguém estivesse mudando mesas de lugar, verificando cabos ou tentando convencer o mundo de que tudo estava pronto.

— E se eu olhar por tempo suficiente, talvez alguém finalmente traga a peça que está faltando — respondi.

Ele ergueu os olhos. Não chegou a sorrir, mas surgiu em seu olhar algo que poderia ser diversão.

— As peças não aparecem só porque alguém fica esperando.

— As pessoas também não. Mesmo assim, precisamos de todas elas aqui.

Por um segundo, ele me observou como se tentasse descobrir se eu estava falando sério. Depois, deixou a pinça de lado e apontou para a caixa.

— Esta obra não está completa. Não deveria ficar exposta.

— Eu sei. Estou verificando as identificações.

— Nesse caso, peço que não a mova.

Não toquei na caixa, embora tivesse vontade de lembrá-lo de que era eu quem respondia pelo espaço, pelo transporte e pela segurança de todo o evento. Em vez disso, endireitei-me e olhei para a mesa dele. Sobre uma pequena base, havia um mecanismo de relógio desmontado em peças tão minúsculas que, da minha posição, pareciam migalhas de metal espalhadas. O homem deslocou uma

delas por uma fração de centímetro. Suas mãos eram firmes, mas não rígidas. Movia-se sem pressa, como se a precisão não exigisse dele uma batalha contra o tempo.

— O senhor é um dos expositores? — perguntei.

— Sambor Róg. Relojoeiro. E sou responsável por esta parte da exposição.

Apresentei-me, informando meu sobrenome e minha função. Ele recebeu a informação com um breve movimento de cabeça, sem aquele entusiasmo educado que normalmente acompanhava a palavra "produtora". Havia algo de refrescante naquilo. E de irritante. Eu não conseguia decidir qual das duas coisas era mais evidente.

— Então provavelmente sabe que estamos com um cronograma bastante apertado — comentei.

— Sei que um relógio não vai funcionar mais rápido só porque colocamos isso no cronograma.

Dessa vez, ele sorriu de maneira quase imperceptível. Sua voz era mais grave do que eu esperava, e ele falava sem demonstrar qualquer severidade calculada. Não estava tentando me constranger. Simplesmente não pretendia fingir que meus prazos eram capazes de alterar as propriedades das coisas.

— E eu sei que a exposição não vai se abrir sozinha — retruquei. — Alguém precisa garantir que pessoas e objetos estejam nos lugares certos.

— Concordo. Só não necessariamente nessa ordem.

Antes que eu pudesse responder, meu celular tocou. O motorista. Finalmente. Afastei-me alguns passos enquanto ouvia explicações sobre congestionamentos, desvios e uma caixa que, segundo ele, aparentemente havia ficado no

depósito. Perguntei o número da remessa, o horário previsto de chegada e o nome da pessoa que havia confirmado o carregamento. As respostas não formavam nada que eu pudesse registrar no planejamento. Quando encerrei a ligação, Sambor continuava junto à mesa. Não estava ouvindo minha conversa escondido, mas também não precisava. Minha expressão provavelmente havia contado o suficiente.

— Não vai chegar a tempo? — perguntou.

— Ainda não sei.

— Isso significa que não vai chegar a tempo.

— Significa que não tenho confirmação.

— Entendo a diferença. Só não tenho certeza de que o patrocinador entende.

Não gostei de ele ter acertado em cheio. Gostei menos ainda de ele ter dito aquilo sem qualquer satisfação. Não havia nele o triunfo de alguém esperando pelo erro alheio. Havia, antes, a paciência de quem já tinha visto como a pressa podia danificar algo que não seria fácil consertar.

— Vou resolver isso — declarei.

— Não tenho dúvidas.

Aquela frase curta soou mais como uma constatação do que como um elogio. Tive vontade de perguntar o que exatamente ele pensava de mim depois de apenas três minutos de conversa, mas não perguntei. Eu não precisava de mais uma coisa para explicar, nem de outra pessoa para quem tivesse de provar que era capaz de manter tudo sob controle.

Saí do galpão com o celular na mão e um planejamento que acabara de perder a credibilidade. No pátio, alguém

montava suportes de madeira, e o som de um bonde chegava da rua. Gdańsk despertava independentemente de minha exposição estar pronta ou não. Atualizei o horário no cronograma, mas logo apaguei a alteração, porque não tinha certeza de que, daquela vez, eu não estava fazendo uma promessa além do que realmente podia cumprir.

Normalmente, eu conseguia encontrar uma solução antes que alguém percebesse que havia um problema. Dessa vez, alguém já tinha percebido. Um homem que, ao que tudo indicava, não pretendia me ajudar a fingir que era possível convencer o tempo a colaborar. E, embora eu ainda não conhecesse Sambor Róg, já sabia que não seria fácil incluí-lo nos meus planos.

A questão era se eu seria capaz de permitir que ele fizesse parte de algo que eu não sabia como planejar.

Capítulo 1 - Condições não previstas no cronograma

Quando voltei ao galpão, a conversa com o motorista já havia se transformado em mais três ligações, duas mensagens da coordenadora técnica e uma pergunta do patrocinador à qual eu não pretendia responder enquanto não tivesse algo mais concreto do que uma suposição. Tive a impressão de que todo o festival havia decidido testar quantas vezes era possível pedir à mesma pessoa que resolvesse um problema antes que ela começasse a falar exclusivamente em tópicos. Não tinha, porém, tempo para reflexões filosóficas. Faltavam algumas horas para a abertura, e a exposição, que deveria ser o principal evento do primeiro dia, existia, até então, sobretudo nos meus documentos.

Sambor continuava trabalhando à mesa. Só havia trocado de ferramenta. Agora estava inclinado sobre um pequeno mecanismo, cujas peças organizava sobre uma base clara, mantendo entre elas distâncias cuidadosamente calculadas. Quando entrei, ele não levantou a cabeça, mas tive certeza de que havia percebido minha presença. Algumas pessoas sabiam demonstrar atenção sem interromper aquilo que estavam fazendo. Era irritante, principalmente quando queríamos que elas se ocupassem imediatamente do nosso problema.

— Preciso saber exatamente o que está faltando nessa parte da exposição — falei.

Ele deixou a ferramenta de lado e se endireitou.

— Neste momento? O mostrador, dois elementos de fixação e a proteção para o transporte. A estrutura está completa, mas ainda não podemos montá-la.

— Então precisamos de três coisas.

— Não. Precisamos de quatro, se incluirmos o tempo necessário para fazer a montagem com segurança.

— O tempo não é um objeto que podemos encomendar e retirar no depósito.

— É justamente por isso que não devemos fingir que podemos deslocá-lo à vontade.

Olhei para ele com uma irritação que nem sequer tentei esconder. Tinha diante de mim um homem capaz de explicar, com uma tranquilidade desconcertante, por que não era possível fazer algo que precisava ser feito. Nem era que ele estivesse errado. O problema era que estar certo não constituía, naquele momento, uma ferramenta particularmente útil.

— Escute, Sambor. Não vou pedir que faça um milagre. Quero saber o que podemos fazer com aquilo que temos.

— Essa é a primeira pergunta sensata que ouvi hoje.

— Nesse caso, seu dia não deve ter sido particularmente bom.

Dessa vez, ele sorriu de maneira mais evidente. Foi rápido, como se não quisesse admitir que minha resposta o havia divertido.

— Depende de como você avalia. Consegui consertar dois mecanismos e não estraguei o terceiro.

— Parabéns. Eu consegui convencer o patrocinador de que está tudo sob controle.

— E está?

Não respondi imediatamente. Em vez disso, abri sobre a mesa a planta impressa do galpão que carregava na pasta. Apontei para a parte central da exposição. A mostra de relojoaria deveria ocupar o espaço próximo às janelas, afastado do principal corredor de circulação. Eu havia planejado quatro estações, uma mesa de demonstração e uma pequena área onde os visitantes poderiam observar de perto os mecanismos em funcionamento. Ao redor ficariam os trabalhos dos outros artesãos: peças de cerâmica, marchetaria, cadernos encadernados à mão e objetos de latão. O conjunto deveria contar uma história sobre coisas feitas com uma paciência cada vez mais rara na vida cotidiana.

— O transporte vai chegar, mas com atraso — expliquei. — Ainda não sei o horário exato. Podemos começar com os elementos que já temos e acrescentar as peças que faltam quando chegarem.

Sambor examinou a planta.

— Nem todas as estações podem ser preparadas separadamente.

— Por quê?

— Porque esta exposição não é uma coleção de objetos aleatórios. Cada peça representa uma etapa diferente do trabalho. Se colocarmos apenas a estrutura, sem o mecanismo, os visitantes verão um belo pedaço de madeira e não entenderão por que ele está aqui.

— Podemos colocar uma explicação.

— Também podemos escrever que a exposição está completa e torcer para que ninguém perceba a diferença. Não considero isso uma boa ideia.

Observei-o com mais atenção. Ele não elevava a voz, não tentava dominar a conversa nem exibir seus conhecimentos. Falava como alguém que se sentia responsável por cada objeto que chegava àquele galpão. E provavelmente era mesmo. Eu conhecia expositores que chegavam a um evento, montavam suas obras e esperavam que a organização cuidasse de todo o resto. Sambor parecia ser o tipo de homem incapaz de deixar até mesmo uma peça insignificante sem verificar se estava devidamente protegida.

— Certo — falei. — O que você sugere?

Ele puxou a planta para perto de si.

— Em vez de quatro estações, montamos três. A mesa de demonstração permanece, mas não colocamos nela as peças que dependem dos componentes ausentes. Vamos preparar uma apresentação separada do mecanismo que já tenho. Quando o transporte chegar, decidiremos o que pode ser acrescentado com segurança.

— Isso significa mudar a disposição de toda a exposição.

— Sim.

— Deslocar outras duas estações.

— Provavelmente.

— Dar trabalho adicional à equipe técnica.

— Se precisarmos da ajuda deles, teremos de pedir.

— Uma abordagem surpreendentemente simples.

— Não disse que seria fácil.

Respirei fundo. Ele tinha razão, mas sua proposta significava que eu precisaria admitir diante da equipe que o planejamento original já não valia. Não gostava daqueles

momentos. Para mim, alterar o cronograma representava um fracasso profissional, mesmo quando, na prática, era justamente o que salvava um evento. Com frequência, eu confundia eficiência com cumprir promessas, em vez de reconhecer que também era preciso saber tomar boas decisões diante de novas circunstâncias.

— Há mais uma questão — falei. — O patrocinador espera que, às onze horas, apresentemos toda a exposição aos representantes da imprensa. Não posso simplesmente dizer que algumas estações estarão vazias.

— Você pode dizer que a apresentação acontecerá em um formato diferente.

— Você não conhece meu patrocinador.

— E você ainda não conhece todos os meus relógios.

Olhei para ele. Dessa vez, não consegui determinar se aquilo era uma tentativa de fazer uma piada ou simplesmente uma afirmação. Havia nele uma tranquilidade um tanto desconcertante. Não era desagradável, mas também não pretendia facilitar minha tarefa concordando com tudo. Por outro lado, quando examinava a planta, fazia isso com uma atenção que sugeria que realmente queria encontrar uma solução, e não apenas provar que sua posição estava correta.

— Certo. Um formato diferente — concordei. — Mas preciso da sua ajuda para conversar com os outros expositores. Se eu pedir que mudem suas estações de lugar, vão querer saber o motivo.

— Vou explicar o que aconteceu.

— Sem enfatizar que a culpa foi minha?

— Se perguntarem por que o transporte não chegou, explicarei que o transporte não chegou.

— E se perguntarem quem é o responsável pela organização?

— Nesse caso, direi a verdade.

Não gostei daquela resposta, embora não conseguisse encontrar nela nada de errado. Estava acostumada com pessoas que, em situações semelhantes, começavam imediatamente a procurar um culpado. Sambor não procurava culpados. Simplesmente não queria participar da construção de uma versão dos acontecimentos mais conveniente do que a realidade.

Saímos para o corredor, onde encontramos Ola, a coordenadora técnica. Ela carregava uma fita métrica no ombro e segurava um tablet. Parou quando nos viu juntos.

— Marlena, diga que não vamos mudar todas as mesas de lugar outra vez.

— Não vamos mudar todas as mesas de lugar — respondi.

— Que bom.

— Apenas duas.

Ola fechou os olhos.

— Eu sabia que não devia ter perguntado.

Expliquei a situação e apresentei a proposta de Sambor. Ela nos ouviu, fez algumas perguntas sobre a alimentação elétrica e a distância entre as estações e, em seguida, começou a verificar a disponibilidade da equipe. Quando terminou, apontou para o relojoeiro.

— Se vou deslocar essas mesas, preciso das medidas dos expositores. Não vou fazer isso no improviso.

— Vou preparar.

— Hoje?

— Em vinte minutos.

Ola olhou para mim com uma expressão de aprovação.

— Está vendo? É assim que se trabalha com você. Objetividade.

Não tive certeza se aquilo era um elogio para ele ou uma indireta para mim, mas não pretendia perder tempo tentando descobrir. Peguei o tablet, verifiquei a disponibilidade dos técnicos e distribuí as tarefas. Sambor foi preparar as medidas, enquanto comecei a telefonar para os expositores.

A primeira conversa foi difícil. A segunda, ainda mais. A terceira terminou com a promessa de que a pessoa pensaria na mudança e me daria uma resposta. Na quarta, ouvi que, se os organizadores não eram capazes de cuidar do transporte, talvez não devessem organizar festivais. Não respondi. Anotei o nome, agradeci pela informação e encerrei a ligação.

Quando guardei o celular, Sambor estava ao meu lado, segurando uma folha cheia de medidas.

— Tudo bem? — perguntou.

— Depende se vamos considerar normal uma situação em que as pessoas me lembram que sou responsável por coisas sobre as quais não tenho controle.

— Você tem controle sobre o que vai fazer agora.

— Essa frase parece algo que deveria estar escrito em uma caneca motivacional.

— Eu não compraria uma caneca dessas.

— Eu também não.

Por um instante, ficamos lado a lado, observando o galpão. Os funcionários deslocavam caixas, alguém desenrolava uma extensão elétrica e, do outro lado do edifício, ouvimos o barulho de um suporte metálico caindo. Sambor virou a cabeça naquela direção, mas não se movimentou imediatamente. Primeiro, certificou-se de que a pessoa responsável pela estação havia levantado o suporte e não tinha se machucado. Só então voltou a olhar para mim.

— Você não precisa fazer tudo sozinha — disse.

Não soou como uma tentativa de me consolar. Parecia mais uma constatação feita depois de observar algo específico.

— Eu sei.

— Não parece.

— Você sempre diz às pessoas o que elas deveriam fazer?

— Só quando vejo que estão tentando realizar o trabalho de três pessoas.

— Talvez eu simplesmente não goste de esperar até que outra pessoa perceba que alguma coisa precisa ser feita.

— Isso não é a mesma coisa que não saber delegar.

Apertei os dedos ao redor do tablet. Não queria conversar com ele sobre meus métodos de trabalho. Ele não me conhecia, não conhecia minha equipe nem todas as responsabilidades que haviam me levado até ali. Ainda assim, sua observação atingiu exatamente um ponto que eu preferia não tocar.

— Por favor, prepare essas medidas — falei. — Eu cuido do resto.

— É exatamente disso que estou falando.

Ele se virou e foi embora antes que eu encontrasse uma resposta. Fiquei olhando em sua direção por alguns instantes e depois voltei ao trabalho. Não pretendia permitir que um homem desconhecido, com uma mesa de relojoaria e um senso de responsabilidade extraordinariamente desenvolvido, julgasse minhas escolhas profissionais.

Mesmo assim, vinte minutos depois, quando recebi dele o desenho detalhado da nova disposição das estações, percebi que havia incluído até mesmo um espaço adicional para a pessoa responsável pela demonstração. Não precisava ter feito aquilo. Bastava ter fornecido as medidas.

Às onze horas, a exposição ainda não estava completa, mas sua nova disposição funcionava. Os representantes da imprensa conheceram a primeira parte da mostra, e Sambor falou sobre o mecanismo de um relógio cuja construção havia levado vários meses. Eu o observava de lado. Ele não usava palavras grandiosas. Não tentava impressionar o público com detalhes técnicos que a maioria das pessoas não compreenderia sem uma explicação. Falava sobre precisão, paciência e sobre como algumas coisas precisam ser desmontadas para que possamos entender por que deixaram de funcionar.

As pessoas prestavam atenção. Até mesmo o patrocinador, que antes exigia uma confirmação de que a exposição estaria completa, começou a fazer perguntas em vez de apresentar reclamações. Percebi que estava olhando para Sambor por mais tempo do que exigia uma observação profissional.

Quando a demonstração terminou, ele se aproximou de mim com uma xícara vazia.

— Sobrevivemos — disse.

— Este é apenas o começo do dia.

— Eu sei. Não disse que vencemos.

— Você sempre é tão cuidadoso ao falar sobre sucessos?

— Prefiro não prometer coisas que ainda não fiz.

Recebi aquela frase com uma leve pontada. Havia nela alguma coisa que eu não queria analisar diante de outras pessoas.

— Nesse caso, não faça nenhuma declaração — respondi. — Ainda temos algumas horas de trabalho.

— Não pretendia fazer.

— Ótimo.

— Mas posso dizer que você improvisa muito bem quando finalmente deixa de tentar fingir que tudo está acontecendo conforme o planejado.

Ele ergueu a xícara como se estivesse fazendo um brinde e seguiu em direção à sua estação. Fiquei ali com aquela frase, que era ao mesmo tempo um elogio e uma observação desagradavelmente precisa.

Pela primeira vez naquele dia, pensei que talvez o problema não fosse apenas o transporte desaparecido.

Capítulo 2 - A hora que não estava no plano

À tarde, o festival começou a se parecer com o evento que eu vinha prometendo a todos havia vários meses. Os primeiros visitantes apareceram no pátio, o galpão se encheu de conversas e o aroma de café recém-passado se misturou ao cheiro de madeira e da cera utilizada pelos artesãos. A exposição de relojoaria ainda aguardava os componentes que faltavam, mas as outras estações já funcionavam sem grandes problemas. Finalmente, eu podia atravessar o espaço sem precisar responder a cada pergunta antes mesmo que ela fosse feita.

Isso não significava que eu estivesse livre. Meu celular continuava recebendo mensagens, e a lista de tarefas ainda continha tantos itens que eu poderia organizar uma programação paralela apenas com eles. Mesmo assim, decidi reservar dez minutos para verificar a situação do transporte. O motorista me informou que a caixa havia sido localizada e deveria chegar a Gdańsk no final da tarde. Não forneceu um horário exato, mas, dessa vez, pelo menos eu tinha o número da remessa e a confirmação do depósito.

Liguei para Sambor, embora não tivesse certeza de que ele atenderia. Ele respondeu depois do terceiro toque.

— Pois não.

— Tenho uma atualização sobre o transporte. A caixa foi localizada. Deve chegar ainda hoje.

— Ótimo.

Esperei por alguma reação adicional. Ela não veio.

— Só isso? — perguntei.

— O que mais você espera?

— Talvez um pouco de entusiasmo.

— Não sei o horário da entrega.

— É justamente por isso que estou dizendo que ela deve chegar.

— E é justamente por isso que não estou comemorando.

Revirei os olhos, embora ele não pudesse me ver.

— Preciso que você verifique à tarde o que ainda pode ser instalado.

— A que horas?

— Assim que o transporte chegar.

— Isso não é um horário.

— Sambor, sinceramente, não tenho tempo agora para determinar cada minuto.

— Nesse caso, não vamos determinar os minutos. Vamos estabelecer uma condição. Você me liga quando tiver a confirmação de que a caixa está no local. Então eu vou até aí e verifico o conteúdo.

— Você não pode ficar nas dependências do festival?

— Tenho minha própria oficina e encomendas que não posso adiar indefinidamente.

Aquilo me lembrou de que ele não era um dos meus funcionários. Era um expositor, responsável pela organização da sua parte da exposição e um homem que tinha uma vida fora do meu cronograma. Nas últimas horas, eu havia conseguido esquecer esse detalhe.

— Tudo bem — respondi. — Vou ligar.

— Obrigado.

Ele desligou sem acrescentar mais nada. Guardei o celular e segui em direção à saída. Ainda tinha uma reunião com uma representante da imprensa local e, depois, uma conversa com o patrocinador. Durante os dois compromissos, procurei me comportar como se o dia estivesse transcorrendo exatamente conforme o planejado. Não menti diretamente, mas também não contei tudo o que ainda precisava ser resolvido. Conhecia a diferença entre informar e provocar preocupação desnecessária. O problema era que, às vezes, eu acabava levando essa fronteira um pouco longe demais.

Por volta das quatro da tarde, recebi uma mensagem do motorista. O transporte já estava em Gdańsk, mas o caminhão havia ficado preso durante o descarregamento de outra encomenda. Ele não conseguia dizer se aquilo levaria quinze minutos ou uma hora. Respondi que aguardava seu contato e, em seguida, liguei para Sambor.

Ele não atendeu. Tentei novamente alguns minutos depois. Dessa vez, ouvi sua voz, acompanhada ao fundo pelo som discreto de ferramentas metálicas.

— Estou na oficina.

— A caixa já está em Gdańsk.

— Nas dependências do festival?

— Ainda não. O motorista está terminando de descarregar outra encomenda.

— Nesse caso, não tenho nada para verificar.

— Só queria avisar você.

— Certo. Avise quando ela estiver no local.

— Você pode vir antes e esperar.

— Não.

Ele respondeu tão rapidamente que, por um instante, não soube o que dizer.

— Não?

— Tenho um trabalho agendado. Não vou ficar sentado em um estacionamento esperando por um caminhão que ninguém consegue localizar.

— Não estou pedindo que você fique sentado em um estacionamento. Quero apenas que possamos agir imediatamente.

— Vou agir quando souber sobre o que preciso agir.

Senti uma tensão familiar. Bastou aquele breve "não" para que eu me lembrasse de todas as pessoas que, nas últimas horas, haviam sido incapazes de tomar uma decisão sem que alguém lhes desse uma instrução precisa.

— Nem sempre é possível planejar tudo — falei.

— Concordo. É por isso que é bom saber o que podemos fazer quando o planejamento deixa de funcionar.

Não respondi. Por alguns instantes, ouvi apenas o som discreto de ferramentas sendo movimentadas.

— Vou ficar esperando sua ligação — acrescentou. — Boa sorte com o restante do festival.

Desligou antes que eu pudesse perguntar se aquela era sua maneira de desejar boa sorte ou simplesmente uma forma de encerrar a conversa.

Às cinco e meia, a caixa finalmente chegou. O motorista a trouxe pessoalmente até a entrada técnica, e eu conferi as identificações e assinei o recebimento. Era mais pesada do que eu imaginava, com reforços metálicos e proteções adicionais nos cantos. Dentro estavam o mostrador, os elementos de fixação e um suporte especial para o

transporte. No entanto, não havia nenhum documento confirmando as condições do conteúdo, então não quis abrir a caixa sem Sambor.

Liguei para ele.

— Está aqui.

— Estou indo.

— Quanto tempo vai levar?

— Quarenta minutos.

— Não pode vir mais rápido?

— Posso, mas não vou dirigir mais rápido só porque você está com o cronograma apertado.

Fechei os olhos. Em circunstâncias normais, teria respondido alguma coisa desagradável. Dessa vez, porém, me contive. Precisava do conhecimento dele, não de mais uma discussão.

— Quarenta minutos — repeti. — Vou esperar na entrada técnica.

— Certo.

Quando encerramos a ligação, fiquei sozinha com a caixa e a sensação de que não tinha mais nada a fazer. Era uma experiência estranha. Durante a maior parte do dia, eu havia corrido de uma estação para outra, resolvido problemas e respondido a perguntas. Agora, só me restava esperar. Sentei-me em um muro baixo perto da entrada e observei as pessoas atravessando o pátio.

Depois de vinte minutos, Ola me ligou.

— Está tudo certo com o transporte?

— Está aqui.

— E o Sambor?

— Está vindo.

— Ótimo. Vi como ele trabalhou de manhã. Tem um olhar muito bom para essas coisas.

— Também tem uma capacidade extraordinária de dizer não.

Ola caiu na gargalhada.

— Talvez seja simplesmente porque ele não é seu funcionário.

— Eu sei.

— Não parecia que você se lembrava disso.

Olhei para o celular, como se ele fosse o responsável por aquele comentário.

— Hoje todo mundo tem alguma coisa a dizer sobre mim?

— Apenas as pessoas que gostam de você.

Ela desligou antes que eu pudesse perguntar se aquilo deveria me consolar.

Sambor chegou depois de trinta e oito minutos. Não estava com pressa, mas também não perdeu tempo. Vestia a mesma camisa escura, embora as mangas estivessem ainda mais dobradas, e notei uma pequena mancha de graxa em um dos punhos. Carregava uma bolsa compacta de ferramentas. Quando me viu, fez um breve sinal com a cabeça.

— Mostre a caixa.

— Boa tarde para você também.

— Boa tarde, Marlena.

Disse aquilo com tanta seriedade que não consegui evitar um sorriso.

— Pois não. Aqui está a sua encomenda tão aguardada.

Ele deu a volta na caixa, verificou as travas e as identificações e, em seguida, pediu o documento de recebimento. Leu tudo atentamente antes de decidir abrir os fechos de segurança. Não fazia nada com pressa. Eu o observava verificar cada elemento antes de movê-lo sequer alguns centímetros.

— Pode me dizer o que está verificando? — perguntei.

— Se a caixa foi aberta durante o transporte e se as proteções continuam intactas.

— Parecem estar em boas condições.

— Parecer e estar são duas coisas diferentes.

— Você tem resposta para tudo?

— Não. Por isso verifico.

Ele abriu a caixa e retirou a primeira camada de proteção. O mostrador estava envolvido em um tecido macio e acomodado em uma estrutura especialmente ajustada ao seu formato. Sambor passou os dedos pela borda, examinou a superfície contra a luz e, depois, verificou os pontos de fixação. Trabalhava em silêncio. Não era um silêncio constrangedor, mas um daqueles momentos em que cada um de nós tinha sua própria tarefa. Eu lhe entregava os componentes, enquanto ele avaliava suas condições.

— Tudo parece estar em ordem — disse finalmente. — Mas preciso de uma mesa e de uma boa iluminação.

— Vou providenciar.

— E mais ninguém perto da estação.

— Isso é mais complicado.

— Por quê?

— Porque é um festival. As pessoas vão querer ver o que estamos fazendo.

— Não durante a montagem.

Olhei para ele. Não era grosseiro, mas tinha uma determinação que não podia ser confundida com falta de confiança. Não tentava me convencer de que suas regras eram as únicas corretas. Simplesmente não pretendia abandoná-las porque alguém queria um resultado mais rápido.

— Certo. Vou lhe dar meia hora sem público.

— Quarenta minutos.

— Trinta e cinco.

— Combinado.

Olhei para ele, surpresa. Esperava mais uma rodada de negociações.

— Assim, simplesmente?

— Estabelecemos as condições.

— Você não gosta de negociar só por negociar?

— Gosto quando os acordos fazem sentido.

Organizei uma mesa, uma luminária e dois técnicos que ajudaram a levar a caixa até a parte adequada do galpão. Sambor indicou imediatamente onde ela deveria ficar e pediu que uma das cadeiras fosse afastada. Quando tudo estava pronto, aproximou-se de mim.

— Você já pode voltar às suas tarefas.

— Esta é a minha estação.

— Eu sei.

— E quero ver o que você está fazendo.

Por alguns instantes, ele me observou sem dizer nada. Depois, afastou-se, deixando espaço para mim junto à mesa.

— Nesse caso, fique. Só não toque em nada sem perguntar.

— Tenho trinta e três anos, Sambor. Sei manter minhas mãos longe do que não devo tocar.

— Não duvido. Mesmo assim, prefiro não testar isso em um mecanismo antigo.

Soltei uma risada baixa. Não esperava que ele pudesse ser engraçado. Antes, eu havia interpretado sua tranquilidade como uma espécie de distanciamento. Agora começava a perceber que, por trás daquela reserva, havia um homem capaz de notar muito mais coisas do que deixava transparecer.

Durante a meia hora seguinte, observei seu trabalho. O mostrador era feito de metal claro, com números delicadamente gravados e ponteiros finos. Sambor me explicou sua construção, a facilidade com que a superfície poderia ser danificada durante a montagem e por que alguns componentes precisavam ser ajustados manualmente. Não falava comigo como se eu devesse conhecer todos os detalhes técnicos. Explicava apenas o necessário para que eu entendesse o que estava fazendo.

— Por que você escolheu a relojoaria? — perguntei.

Ele não tirou os olhos do mecanismo.

— Porque gosto de saber por que alguma coisa funciona.

— Isso parece uma resposta que você também daria se alguém perguntasse sobre sua vida.

— Talvez.

— E se não for possível encontrar a causa?

Ele deixou a ferramenta de lado e olhou para mim.

— Então é preciso aceitar que nem tudo pode ser consertado.

Não soube por que aquela frase soou mais pessoal do que todas as anteriores. Não insisti. Tive a impressão de que ele não ficaria muito satisfeito se eu tentasse olhar para além de uma porta que ele próprio ainda não havia aberto.

Quando terminou a montagem, os ponteiros começaram a se mover suavemente. Não houve nenhum som espetacular nem um momento grandioso. Apenas o movimento silencioso do mecanismo e o funcionamento regular do relógio. Sambor ainda o observou por alguns instantes e, depois, assentiu, como se estivesse confirmando algo que já sabia desde o início.

— Pronto — disse.

— É lindo.

Ele não respondeu imediatamente. Pegou um pequeno pano e limpou delicadamente a borda da estrutura.

— Um trabalho bem-feito não precisa ser espetacular.

— Discordo. Às vezes, deveria ser.

Olhou para mim com um leve divertimento.

— Você provavelmente gosta quando tudo fica visível.

— Gosto quando as pessoas conseguem ver o resultado de um trabalho que não acompanharam.

— Não é a mesma coisa.

— Eu sei.

Por alguns instantes, ficamos frente a frente, com o relógio entre nós. Ainda naquela manhã, ele não passava de